

WILSON MARTINS



Casa das Novidades

• O terceiro e último volume da "História da literatura brasileira", obra coletiva dirigida e coordenada por Sílvio Castro (Lisboa: Alfa, 2000), cobre o século XX, época da modernidade, de modernidades e de modernices, tudo sob o signo da aceleração da História, no caso, a multiplicação cada vez mais fragmentada de escolas literárias e estéticas ambiciosas.

Foi o século da vanguarda como *l'éclat* e, por consequência, das vanguardas que se propuseram a realizá-la, isto é, a torná-la real. Acontece apenas que a simples existência das vanguardas desmente e desautoriza a idéia de vanguarda, cujo destino natural e inevitável é transformar-se rapidamente em retaguarda.

Make it new, prescrevia o mandamento sagrado de todo o processo contínuo de escritores e artistas a rejeitar a novidade no momento mesmo em que a atingiam: também o inferno literário é calçado de boas intenções. O percurso desta "História" vai do que denomina a "prosa experimental" de Adeline Magalhães e Oswald de Andrade ao experimentalismo orgânico da literatura contemporânea: tudo começa e termina de novo no ponto de partida. Em outras palavras, as sementes de 22 acabaram por florescer nas gerações seguintes, as gerações "modernas" que já não são mais "modernistas".

De fato, se o Modernismo foi moderno no seu tempo, os modernos do nosso não podem ser vistos como modernistas, ou então a palavra história não tem sentido. Sabe-se que há três gerações cronológicas no interior de cada geração social: os que Mário de Andrade chamou de "mestres do passado", os mestres do presente e os potenciais mestres do futuro, emergentes no horizonte das possibilidades.

Sílvio Castro toma como pontos de referência o Modernismo, a geração de 45 (que expressamente o repudiou) e a geração de 56 que, por sua vez, repudiou a anterior em nome da vanguarda concretista, cujos fundadores e teóricos saíram, como se sabe, do Clube de Poesia de São Paulo, ou seja, do viveiro de 45.

Contudo, a realidade não é tão simples: os "mestres do passado" — Bandeira, Drummond, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Schmidt — continuaram a conviver com os jovens mestres, pela falsa mediação de João Cabral. Mas, eram, de qualquer maneira, nomes históricos, objeto favorito de teses acadêmicas, cujos autores já encontravam pronto o arsenal crítico e interpretativo de que se necessitavam. Igualmente históricos foram os regionalistas de 1930 (José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos), todos destinados ao ostracismo pelo furoção de 45 que se chamou Guimarães Rosa (destinado, por sua vez, a objeto inglório de tantas teses escolares).

Sílvio Castro propõe como "lei de evolução de nos-

sa literatura" a "dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a limitação consciente dos padrões europeus".

Cumprir ler com ceticismo construtivo o capítulo sobre o moderno e o pós-moderno em nossas letras, mesmo considerando que esta última é uma expressão vazia: o pós-moderno é necessariamente moderno. Segundo os seus autores, "a poesia brasileira das duas últimas décadas apresenta linhas de força diversificadas, que não se definem mais por pressupostos de ordem excludente ou maniqueísta, mas por novas vias de invenção e pelo diálogo criativo com várias correntes e tradições artísticas anteriores".

Isso foi sempre assim, porque os contemporâneos não estão habilitados a perceber que "vias de invenção" ou que "correntes" acabaram por predominar, fixando a fisionomia de cada momento histórico. De qualquer maneira, "a pluralidade de linguagens convive com escolhas temáticas diferenciadas (...)". Em outras palavras: vale tudo, da "poesia exemplar" de Ana Cristina César ao "fazer poético de Armando Freitas Filho, e de Sebastião Leite a Manoel de Barros, a Francisco Alvim e a Adélia Prado.

São nomes dos anos 70/80, incorporados nas admirações convencionais e nas enumerações retrospectivas. A "História" identifica os três grupos da geração de 56: I) a poesia experimental; II) a poesia da revolução da palavra e da imagem; III) a poesia da consciência social e do empenho político". No impulso adquirido, as gerações estão surgindo por cisparridade e regiões geográficas: os poetas paulistas, por exemplo, reuniram-se na "Antologia poética da geração 60", organizada por Álvaro Alves de Faria e Carlos Felipe Moisés (São Paulo: Nankin, 2000).

A insistência com que a noção de experimentalismo aparece e reaparece nos parâmetros históricos do período faz do século XX a Casa das Novidades Literárias no alcance de todos. A poesia deve ser a expressão do humano, mas os poetas não estão satisfeitos. A busca incessante do novo por ele mesmo tomou o lugar do que, em outras eras, justificava e legitimava. Essa é a marca do nosso tempo, à espera de que a posteridade decida entre as experiências efêmeras e o resíduo, sempre diminuto, da criação autêntica.

As lágrimas românticas de um poeta imerso em devaneios e desilusões

Obra completa de Álvares de Azevedo volta em edição da Nova Aguilar

Obra completa, de Álvares de Azevedo. Editora Nova Aguilar, 849 páginas. R\$ 90

Antonio Carlos Secchin

As lágrimas vertidas na poesia de Álvares de Azevedo (1831-1852) dariam para encher um tonel. Maior representante do nosso ultra-romantismo, o poeta, se não atinge a estatura do predecessor Gonçalves Dias e a do sucessor Castro Alves, representa, acima de todos, a figura do poeta-sofredor, imerso em devaneios e desilusões, e é dessa caracterização, afinal, que acaba se confundindo, no imaginário do leitor comum, com a própria imagem do artista romântico.

Mas, se gerou muita poesia, a vida de Azevedo certamente não daria um romance: família paulista radicada no Rio de Janeiro, estudos de direito em São Paulo, alguma febre, poucas mas, queda de um cavalo, doença, e a morte, por entre, antes dos 21 anos. Na Paulicéia provinciana de meados do século XIX, nosso poeta lia bastante — e produzia mais ainda, compulsivamente. No curto espaço de sua existência, deixou vasta obra, quase toda de publicação póstuma, e vestiu poeticamente a máscara de sofredor e amante infeliz em boa parte dos poemas de seu mais famoso livro, "A lira dos vinte anos".

Um registro linguístico mais brasileiro

Além disso, escreveu ficção, ensaios literários e manteve correspondência com os familiares (sobretudo com a mãe) no Rio de Janeiro. Pelas cartas, podemos saber um pouco das modas e dos salões paulistanos de então, que Azevedo descreve com minúcia e alguma ironia. Na ficção, foi autor do lúgubre "Noite na taverna", obra muito lida, editada e parafrazeada, gerando imitações até por parte de um Fagundes Varela; é a narrativa recheada de castelos, crimes, adultérios, necrofilia, incesto e até antropofagia (a literal, não a oswaldiana). Escreveu ainda "Macário", que Antonio Candido situa entre suas melhores realizações. Sobre tudo, devemos a Azevedo a consolidação de um registro linguístico mais brasileiro, diverso do padrão ainda lusófono da primeira geração romântica, e que mais tarde, os rígidos parnasianos, injustamente, recriminariam como linguagem desleixada.

Apesar de confessadamente discípulo e leitor voraz de Byron, Victor Hugo e Musset, foi Azevedo quem, de certo modo, propiciou que a poesia brasileira se auto-referenciasse: pouco após sua morte, já se torna bastante elevado o número de jovens escritores que escolhem epígrafes azevedianas para seus poemas, em substituição à quase compulsória utilização de língua estrangeira.

Outro aspecto bastante importante da lírica de Azevedo, e que para muitos se constitui no seu legado mais moderno, é a presença do humor e da ironia na segunda parte da "Lira dos vinte anos", onde o poeta, explicitamente, tenta relativizar, ou mesmo ridicularizar, certos modelos e atitudes românticas que ele próprio adotara na parte inicial do volume. Poemas como "Namoro a cavalo" operam a paródia da idealização lírica — textos engraçados, embora às vezes mal disfarçam um ranço preconceituoso.

É o caso de "É ela! É ela!", em que a diferença de classe é elemento suficiente para obstar e tornar ridículo a investida amorosa ("Eu a vi minha lada aérea e pura — / A minha lavadeira



ÁLVARES DE AZEVEDO: apesar da morte prematura, aos 21 anos, o poeta romântico deixou uma obra vasta

na janela"). Já "Idéias íntimas", por exemplo, efetua uma tensa leitura entre os planos do real e do ideal e, fugindo do esquematismo caricato de uma oposição reciprocamente excludente entre esses dois níveis, é das peças mais bem acabadas de sua poesia.

Com a primeira publicação, já póstuma, de suas obras (em dois volumes, de 1853 e 1855), pode-se dizer que Azevedo acedeu de imediato a nosso cânone. Sucederam-se as edições de imediato e o volume de Homero Pires, revisito e corrigido, acrescentou-se todo o (escasso) material divulgado após 1942.

Fortuna crítica da edição vai do século XIX até hoje

A bibliografia (ativa e passiva) foi atualizada e o volume reproduz ainda uma seleção e preciosas seção de fronteira crítica que, partindo do século XIX, incluiu o famoso "Amor e medo", de Mário de Andrade, e estende-se até o ensaísmo contemporâneo, com Wellington de Almeida Santos. E, apesar de conter erros tipográficos e algumas imprecisões (agravadas pela quase inexistência de originais do poeta), representou um notável esforço para o estabelecimento de um texto fidedigno de Azevedo, incluindo também, pela primeira vez, sua epistolografia.

Mais lágrimas talvez vertesse o poeta se soubesse que, no século XX, seriam necessários

68 longos anos para vir a lume uma nova edição de sua "Obra completa", organizada com grande competência por Alexandre Bueno. Ao trabalho de Homero Pires, revisito e corrigido, acrescentou-se todo o (escasso) material divulgado após 1942.

Fortuna crítica da edição vai do século XIX até hoje

Antonio Carlos Secchin é ensaísta, poeta e professor universitário

O acerto da simplicidade requintada

'Sortilégio' evidencia a força da fabulação do gaúcho Sergio Jockymann

Sortilégio, de Sergio Jockymann. L&PM Editores, 107 páginas. R\$ 16

André Seffrin

Em sua extensa carreira intelectual, ele publicou apenas dois romances: "Clô, dias e noites" (1982) e "Sortilégio", recém-lançado. Sergio Jockymann é bem mais assíduo como teatrólogo, com várias peças encenadas e que chegaram às livrarias. Nos dois volumes de "Vila Velha", que revelaram o seu talento de contista, exercitou o conto-crônica com uma boa pegada de humor com ares regionalistas.

O escritor, que também mostrou bastante o seu trabalho em televisão e rádio, estreou mesmo na literatura com poesia: "Poemas em negro" (1958). A publicação de "Clô, dias e noites" revelou um romancista de folião largo que, em tom folhetinesco, idealiza uma mulher fascinante e sua aventura de vida

nos anos 60 e 70. "Sortilégio" é outra coisa. O título é a obra: uma pequena história de amor, ou uma pequena história sobre o mistério da vida e os segredos da arte, explicitamente, tenta relativizar, ou mesmo ridicularizar, certos modelos e atitudes românticas que ele próprio adotara na parte inicial do volume. Poemas como "Namoro a cavalo" operam a paródia da idealização lírica — textos engraçados, embora às vezes mal disfarçam um ranço preconceituoso.

É o caso de "É ela! É ela!", em que a diferença de classe é elemento suficiente para obstar e tornar ridículo a investida amorosa ("Eu a vi minha lada aérea e pura — / A minha lavadeira

ca teatral para carpintaria das cenas, para as aberturas e os fechamentos de capítulo. Artesão do enredo, ele também sabe como poucos equilibrar os estados de alma dos personagens (ou, neste caso, do personagem), os tons e entretos da narrativa.

Só falta ao livro um aprimoramento da língua literária — que, ao que tudo indica, é uma preocupação menor do escritor. Seus descuidos são os de quem joga a linguagem para um segundo plano, descuidos que podem preza mais a história a ser contada do que o instrumento de que se utiliza para contá-la.

O fato de não levar em conta os recursos verbais é o seu calcanhar de Aquiles. Torna-se incômoda a repetição de determinadas palavras (como o uso excessivo de "havia", por exemplo) e um certo desleixo da frase, cujos exemplos podem ser encontrados com facilidade e só fariam ocupar espaço aqui. A força do ficcio-

nista Sergio Jockymann, decididamente, não está na linguagem: está toda na fabulação.

Tecnicamente, e quanto ao argumento e sua realização, há requinte na sua simplicidade. Que é aquela simplicidade difícil, rara, de criar personagens que falem por si, que ajam soltos como na vida, embora subjugados pelo criador, que conhece o desenho exato de cada um, que dá as coordenadas, que domina o traçado da ação como um demiurgo.

Dom de prender a atenção do leitor

Longe de ser um desses livros que mudam ou apontam caminhos novos na literatura brasileira atual, "Sortilégio" guarda uma qualidade máxima da arte literária: o dom de prender a atenção do leitor, que vai do início ao fim colado do seu sortilégio. No que diz respeito à arte narrativa, já é muito. ■

ANDRÉ SEFFRIN é crítico e ensaísta

O GLOBO

EDITOR: Cecília Costa - ecosta@oglobo.com.br
 REDTORIA ASSISTENTE: Willyna Wilian - wili@oglobo.com.br
 Telefone/Fax: 51-334-5500 / 51-334-5550
 Telefone/Publicidade: 51-334-5500
 Correspondência: Rua Imbuizinho 35 - 2º andar, CEP: 20233-900

PROSA & VERSO

